

## Entrevistas

Benilton Bezerra Jr.<sup>1</sup>

Maria Inês Escosteguy Carneiro <sup>2</sup>

Mariano Horenstein<sup>3</sup>

---

**1)Somático-psíquico, interno-externo, sonho-vigília, pulsão-objeto. Desde os seus primórdios a psicanálise lida com áreas fronteiriças dinâmicas. Além destas, quais outras fronteiras encontramos na psicanálise contemporânea?**

**Benilton Bezerra Jr.**

“Áreas fronteiriças dinâmicas” é uma boa expressão, traduz uma ideia fundamental. Criamos conceitos para configurar os fenômenos da vida subjetiva de modo a que faça sentido para nós. Nesse esforço, constituímos polaridades como as mencionadas. Dada a natureza processual, plástica, constantemente em fluxo da vida subjetiva, porém, esses polos não são independentes, têm entre si relações dinâmicas e complexas – estão mutuamente implicados, emergem de forma concomitante, e se interpenetram.

Somático e psíquico, por exemplo, não se confundem, mas tampouco se excluem. É impossível pensar num psiquismo sem corpo – a não ser adotando um dualismo forte. Há organismos sem psiquismo – bactérias, por exemplo. Mas um corpo, que implica consciência fenomenal, inexistente sem alguma forma de mente. Soma e psiquismo, eu e outro, interno e externo são coemergentes, constituindo-se reciprocamente. Por isso, pensar essas fronteiras como áreas flutuantes de transição entre polos ajuda a pensar a vida subjetiva de maneira

---

1. Psicanalista e psiquiatra, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

2. Psicanalista, membro efetivo com funções específicas do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

3. Membro titular com funções didáticas da Asociación Psicoanalítica de Córdoba.

mais complexa, e com isso quero simplesmente dizer mais aberta à interrogação do que à convicção, mais capaz de incitar a necessária inovação na teoria e na prática psicanalítica.

Os impasses decorrentes do crescimento do número de pacientes com formas de sofrimento que transbordam o campo das neuroses vêm exigindo uma revisão de métodos e posicionamentos do analista na clínica. Tem sido muito rica, por exemplo, a discussão sobre o cada vez mais necessário entrelaçamento, interpenetração ou articulação entre modelos que privilegiam a interpelação/ interpretação/enfrentamento e os que se ocupam prioritariamente do cuidado/ holding/continência – cabendo ao analista, em cada caso, e em cada momento de um determinado caso, perceber que posição ocupar, que estratégia acionar.

De algum modo articulada a esse movimento, outra polaridade me parece comparecer bastante hoje, num cenário em que o ideal do indivíduo criador de si e de seu destino se impõe como tirania superegoica. Não se trata de uma oposição propriamente, mas de uma certa distinção de horizontes, ou de momentos da análise. De um lado, o horizonte da subjetivação – que possibilita ao sujeito implicar-se na elaboração do sentido de sua experiência singular, apropriando-se subjetivamente de sua própria trajetória (incluído aí o esforço de simbolização do vivido primário pré-subjetivo). De outro, o horizonte daquilo que no vocabulário lacaniano é designado destituição subjetiva – o reconhecimento, da parte do sujeito, da existência em si de algo que é *mais do que si*, algo que resiste à imersão no simbólico, uma opacidade fundacional e inescapável que também o constitui como sujeito, e que, uma vez percebido, afrouxa as amarras que o aferram às exigências narcísicas do eu.

No campo social, as aceleradas transformações das últimas décadas vêm também precipitando deslocamentos em fronteiras até há pouco estáveis, provocando efeitos subjetivos que estamos tentando entender melhor. A constituição do sujeito moderno teve, entre seus determinantes, a constituição de uma esfera da interioridade e da intimidade psicológica em contraste com a esfera pública. Claro que esses universos se interpenetram desde sempre, mas a fronteira entre eles era clara, as regras internas de um campo e outro, distintas. Um dos aspectos mais avassaladores da sociedade atual é o desmonte dessa fronteira, sua liquidificação, para falar como Bauman. Nosso mundo interior é cada vez mais exposto à visitação pública. Privacidade vai se tornando rapidamente uma palavra – e uma experiência – obsoleta. Estamos inseridos numa espécie de panóptico sem perspectiva central, em que todos vigiam todos. Somos cada vez mais transparentes, não ao olhar de um poder explícito e localizado, mas

de um Outro difuso, que recolhe e manipula os traços que deixamos na vida digital e os devolve na forma de moldagem sutil de aspirações de consumo e de ideais de performance subjetiva – que são experimentados por nós não como imposições, mas como exercício de escolhas autônomas. Como diz Byung-Chul Han, o Big Brother cedeu o trono ao Big Data.

Poderia ainda apenas citar a movimentação em duas outras áreas fronteiriças no cenário social que engendram efeitos importantes no agenciamento da vida psíquica e da experiência de sofrimento, como a porosidade e a pervasividade crescente entre o mundo virtual digital e o mundo físico, que vem fazendo com que a realidade subjetiva seja vivida numa transição constante entre o universo on-line e a realidade off-line, e articulação e sobreposição crescentes entre o natural e o artificial, ilustradas na capacidade crescente de manipulação e extensão de características e propriedades do corpo natural, expansão de sistemas de inteligência artificial na gestão de relações entre pessoas, uso ampliado de dispositivos de regulação biotecnológica da dor e do bem-estar etc.

Finalmente, um importante deslocamento de fronteiras vem se dando no campo epistemológico, que nas últimas poucas décadas vem presenciando uma renovação no debate sobre as relações entre natureza e cultura, que repõe em discussão a separação ontológica e epistêmica entre esses campos e seus saberes, distinção consolidada no final do século XIX e que hoje precisa ser ao menos reconfigurada. Ao contrário do que muitos previram no final do século passado, a psicanálise tem muito a oferecer a esse debate. Mas isso seria assunto para uma longa conversa.

### **Maria Inês Escosteguy Carneiro**

Os pares antagônicos surgem, creio eu, com o próprio nascimento humano, uma vez que a marca do estar vivo supõe a certeza da finitude. Nascer e morrer, portanto, são nossa realidade maior e inexorável e uma das grandes feridas narcísicas da humanidade.

A partir dessa incontestável sina, a psicanálise se movimenta em dupla. A primeira delas, naturalmente, é a dualidade instintual, vida e morte, que colore todas as outras dualidades. Somos Dr. Jekyll e Mr. Hyde, como bem mostrado no livro de Stevenson: “... in each of us two natures are at war – the good and the evil”.

A existência mental de todos nós varia dentro da expressão que se destaca em cada indivíduo: se maior a quantidade de “vida” instintiva, maior a chance de integração. Entretanto, também é importante a admissão de que o instinto

de morte está “vivo” e busca se expressar e, por isso também fará diferença para a integração a possibilidade desse reconhecimento.

Com a finalidade de tornar suportável a existência, erigimos nossas defesas em torno dessa dicotomia. O ato de viver exige coragem, mas também supõe grandes estratégias para burlar a realidade e a finitude. Quando as fronteiras – para usar a palavra contida na pergunta – se aproximam, novas defesas são acionadas e assim segue o teatro da vida. Negociando todo o tempo, eis o exercício característico da mente. É meu entendimento, portanto, que a assim chamada “psicanálise contemporânea” lida com as mesmas matérias com as quais lidou sempre: vida, morte, instintos, sexualidade, relações de objeto, conflitos...

No entanto, os apelos do mundo no momento colocam a psicanálise, para alguns que a exercem, como uma expressão idiossincrática e não “psicanalítica”. Substitui-se a instância pensante, olhando a individualidade de cada um e de sua realidade psíquica, por uma adaptação ideológica, que hoje tenta não negociar as fronteiras, mas demoli-las. Entre a razoabilidade e o irracional, em nome de uma contemporaneidade bastante questionável, surge o mundo do tudo é possível, desde que o indivíduo assim o deseje. Um mundo “fecalizado”, como diz Chasseguet-Smirgel em *Ética y Estética de la Perversión*.

É no campo da sexualidade, um dos pilares da psicanálise desde sempre, que está, me parece, o grande desafio do momento. Nós, psicanalistas, somos os profissionais que nos especializamos em entender a mente, vinculando-a às experiências afetivas de cada indivíduo. O texto psicanalítico, amplo, criativo, belo, nos permite transitar por nossas escolhas teóricas diversas, o que não nos isenta do compromisso pensante. Não podemos negar os fatos ou brigar com eles. Mas o que vemos deve ser vinculado ao compromisso de pensar através dos afetos, e este aspecto é o que deveria nos unir nas nossas diversidades teóricas.

Surpreende-me bastante como certos assuntos ditos atuais vêm destituindo a psicanálise desta característica. A ideologia vigente pretende impor que as vicissitudes em relação à sexualidade humana não existem. Paulatinamente, tenta-se substituir a existência dos conflitos pela simples expressão individual de “escolher” o próprio sexo. Essa tentativa sistemática de abolir a diferença é muito pouco criativa e parece desconsiderar a importância do casal gerador, afinal, responsável pela existência humana.

Como psicanalistas, deveríamos pensar além dos fatos e não sucumbir a afirmações simplórias do tipo: “homofóbico”!, “retrógrado”! e assim por diante. Tratamos das pessoas e de suas peculiaridades. Todos nós possuímos na nossa

constituição mental fantasias que se configuram em aspectos heterossexuais, homossexuais, psicóticos, perversos... e nenhum deles, a princípio, se constitui em “doença”. Porém, se o continente para a integração desses aspectos, em algum momento, for rompido, e caso quem esteja conflituado o bastante para procurar um psicanalista assim o deseje, então passará a nos dizer respeito. Sem oferecer cura nenhuma, podemos pensar juntos os pensamentos de nossos pacientes. Por exemplo: por que os aspectos homossexuais podem muitas vezes impor práticas violentas, promíscuas, perigosas para o indivíduo? O que está sendo comunicado através desses aspectos? Por que os componentes perversos podem levar a trair, enganar, burlar? Por que as partes psicóticas chegam a delírios, rompendo o compromisso com a realidade?

Simplificar ideologicamente algo tão fundamental como a identidade é cruel, tanto quanto o é encampar uma posição “politicamente correta” diante de algo tão contundente como a crença delirante de que a amputação do próprio pênis, ou a ablação dos seios seria o bastante para resolver um conflito de um homem ou de uma mulher que, diante da visão de seus órgãos com eles não se identificam. As vicissitudes profundas nas áreas da identidade de sexo e gênero seriam resolvidas por um ato cirúrgico!

A condição humana, qualquer que seja ela, não é fácil. Viver dói e é a dor da existência que deveria nos levar a pensar na condição humana sem ideologias. Voltemos a Freud, que falava em psicosexualidade, enquanto a contemporaneidade dissocia a sexualidade da intimidade e do mundo dos afetos em prol de uma descarga apenas instintiva.

Os objetivos da psicanálise, a meu ver, continuam os mesmos, os assuntos de nossa prática, as vicissitudes humanas, também. Mas a busca pela integração das histórias individuais e a possibilidade de pensar sobre a própria existência estão ameaçadas pela imposição de uma desenfreada e excessiva autocriação, que supõe ação imediata sem pensamento. Esta questão também não será resolvida por um simplório arroubo verbal ministerial, que decreta rosa para meninas, azul para meninos. Creio ser a manutenção da instância pensante e a possibilitação dessa prática a quem nos procura o grande desafio que a psicanálise enfrenta nesses tempos.

### **Mariano Horenstein**

Desde los primeros trabajos de Freud y su exploración de las conversiones histéricas, pasando por los desarrollos acerca de los fenómenos psicossomáticos, la hipocondría o, en un plano más general, desde una perspectiva amplia de

las dolencias físicas donde el factor psíquico *siempre* está presente, sea en su génesis, sea en su mantenimiento, cabe dudar de la existencia de una frontera claramente delimitada entre lo somático y lo psíquico. La distinción entre el sueño y la vigilia misma es también relativa: la fantasía diurna lleva la estructura del sueño a la vigilia. La vigilia bien puede ser el territorio donde, lejos de estar despierto, más propicia que “durmamos”, mientras que el sueño a veces se convierte en el lugar del “despertar” de un sujeto.

Del mismo modo, la distinción entre lo interno y lo externo, tan apreciada en muchas de nuestras teorías, puede ser cuestionada. El inconsciente, a mi modo de ver, aparece en la superficie de los fenómenos, como un accidente casi, sin ser necesariamente su reino el de las profundidades. La figura topológica de la banda de Moebius, rescatada por Lacan, demuestra cómo lo interno pasa a ser externo, lo profundo pasa a ser superficial -y viceversa- sin solución de continuidad. La misma distinción entre pulsión y objeto, siendo el objeto uno de los elementos centrales de la pulsión misma, es relativa.

Muchas otras fronteras han sido establecidas desde los comienzos del psicoanálisis: entre instancias psíquicas, entre personas en juego en la relación transferencial/contratransferencial, entre estructuras psicopatológicas, entre teoría y técnica o entre teoría y clínica etc., pero a poco andar la idea de frontera como *límite* claro es difícil de sostener en una práctica como la nuestra, que hace hincapié en los matices, en el modo en que una categoría invade a la opuesta, en los detalles, en la minucia artesanal si se quiere más que en claras y prístinas clasificaciones de algún tipo.

Entonces, quizás pueda sostenerse cierta defensa de la imprecisión, contra el binarismo al que nuestro pensamiento suele, en términos estructurales, arrojarnos. La noción de *frontera* se aparea y diferencia a la vez con la de *límite*. Si el límite entre países, por ejemplo, es una línea definida, consensuada a lo largo de circunstancias geográficas (cordilleras o mares, divisoria de aguas o accidentes costeros) o históricas más o menos complejas (invasiones, guerras, acuerdos diplomáticos, arbitrajes papales o tratados internacionales), la idea de frontera aparece siempre dotada de una mayor imprecisión.

Si el límite es una línea, la frontera es una *zona*. El pasaje a la bidimensionalidad implica una complejidad mayor y a la vez su construcción en tanto espacio humano. Pues solo los mapas son uni (como en el caso de los límites) o bidimensionales (como en el caso de las fronteras). Apenas salidos de la superficie cartográfica, nos enfrentamos con espacios tridimensionales que son siempre fronterizos. Solo una frontera puede albergar vida humana, nadie

vive en un límite. Entonces, el límite es una entidad eminentemente simbólica, mientras que la frontera es también imaginaria y real.

Esta división entre límite y frontera atraviesa no solo la geografía y cartografía sino también a la ciencia y en mayor medida quizás, al psicoanálisis, al que me gusta definir como *un saber de frontera*. Si consideramos al psicoanálisis como saber de frontera, estamos condenados a la imprecisión. Solo los límites pueden ser precisos, pues son arbitrarios, consensuales. Claro que pueden impugnarse, disputarse y variar en el tiempo, pero la idea de límite supone y reclama precisión. La de frontera en cambio es imprecisa, ¿quién sabe con certeza dónde empieza y termina una zona de frontera? A menudo teorizamos en psicoanálisis -sea a través de la metapsicología freudiana, del álgebra bioniana, o mediante mathemas lacanianos...- con una precisión luminosa y ordenadora ...que se hace trizas a poco andar. El extremo grado de abstracción que una ecuación teórica implica, su precisión, supone al mismo tiempo su inadecuación al momento de contrastarla con la realidad de una práctica.

Lo que sucede en las elucubraciones teóricas se multiplica geométricamente cuando pretendemos hacer taxonomías psicopatológicas, donde todo límite demarcatorio es puesto a prueba y se torna irrisorio, como ilustrara deliciosamente Borges en su enciclopedia china. Los criterios estructurales que dividen la multiforme clínica que abordamos en neurosis, psicosis, perversión, son apenas ordenadores lógicos que calman nuestra angustia y nos permiten navegar con instrumentos tan rudimentarios como imprecisos. Entonces, la misma idea de paciente fronterizo, *borderline*, se difumina para convertirse en paradigma.

La imprecisión es más verdadera, a la hora de describir la clínica -y abundan en el lenguaje con el que discutimos nuestros casos palabras imprecisas, alusivas, que apelan a recursos de la narración- que la precisión que, como pasa con el acero o el oro, solo existe fundida en aleaciones más o menos bastardas. En ese sentido, en psicoanálisis estamos de algún modo obligados a la poesía.

Por otra parte, en psicoanálisis, al igual que en la ciencia y en el arte, los hallazgos suceden en las fronteras, no en los centros de cada disciplina. Tan necesarios como son los desarrollos epistémicos intradisciplinarios, éstos -por definición- se ocupan de desplegar y conceptualizar lo ya descubierto. Las exploraciones que dan origen a lo nuevo, sin embargo, suceden en las fronteras. El psicoanálisis mismo, en tanto disciplina, surge en las fronteras de la medicina, en ese espacio impreciso en que la ciencia disputa palmo a palmo el terreno con la superchería y la sugestión, en la que Barnard se ve obligado a negociar con Mesmer y donde La Salpêtrière aparece en el mismo vecindario que Loudun.

La frontera, por lo general, geopolítica aunque no solamente, adquiere un estatuto particular. Allí no rige del todo ni la ley de un estado ni la de otro: la porosidad y facilidad del tránsito de un lado a otro inhiben el imperio implacable de una u otra ley. Basta caminar unos metros para sustraerse a una soberanía indeseable o incomodante, del mismo modo que los ciudadanos de un país hacen sus compras o cargan combustible en el país vecino en cuanto la relación entre los tipos de cambio se alteran de modo insensato. La frontera es tierra de delinquentes también, pues éstos precisan de esa facilidad para sustraerse a la ley estatal. A la vez, eso no significa que no haya ley allí, y de lo que se trata en todo caso es de reconocer la especificidad de la ley de la frontera.

Pensar al psicoanálisis por entero del lado de la ciencia conduce a la caricatura, a una parodia donde terminamos pareciéndonos más que a la física, a la patafísica. Pensarlo del lado del arte nos atrapa del mismo modo, condenándonos a la intransmisibilidad de una experiencia tan fértil como se ha demostrado en el último siglo. Incómodo tanto de un lado como del otro, el del psicoanálisis es un territorio único, residual (pues se contenta con lo que otros arrojan fuera de su discurso) y para nada arbitrario. Tanto en lo relativo al modo en que alumbró sus descubrimientos como al de cómo comunica sus resultados o entrena a sus practicantes, el psicoanálisis está sujeto a leyes, a reglas que no son las de ningún otro territorio salvo del suyo propio, leyes de la frontera.

Como en toda frontera, medran los contrabandistas, y el andamiaje conceptual del psicoanálisis tributa a varios amos, como si se tratara de una lengua que a fuerza de ser hablada por una comunidad se hubiera convertido en un medio adecuado -o al menos tan inadecuado como otros- de comunicación y transmisión de una experiencia; pero a la vez estuviera formado -como tantas otras lenguas- por palabras extranjeras, bárbaras. Y, más importante aún, ese espacio fronterizo que es el psicoanálisis está de este modo abierto a palabras por venir, a un tráfico conceptual -un contrabando de ideas- que no solo es legítimo sino necesario para que la entropía no nos devore.

**2) Definir “isto é psicanálise” e “isto não é psicanálise” tem sido motivo de amplas controvérsias, geralmente ligadas a mudanças nas fronteiras clássicas da teoria e da técnica. Como você vê esta questão hoje?**

**Benilton Bezerra Jr.**

Creio que hoje em dia esta questão ganhou contornos mais interessantes do que exibía há 20 ou 30 anos atrás, quando a discussão teórica acerca da linha



divisória entre o que era ou não psicanálise me parecia servir, na verdade, de palco ou pretexto para a disputa por hegemonia entre as escolas, e a defesa de uma forte posição superior hierárquica no mercado terapêutico, garantida pelo prestígio social que a psicanálise exibiu a partir dos anos 50.

Desde os anos 80, boa parte desse prestígio se desfez – pelo impacto das descobertas neurocientíficas, pelo avanço do cognitivismo, pela difusão e banalização do vocabulário psiquiátrico, pelo aumento exponencial do recurso à psicofarmacologia, pela neurocultura, pela sociedade da performance etc. Nos grandes centros europeus e norte-americanos, as trincheiras da psicanálise foram alocando mais no campo da crítica cultural do que no campo da clínica. No Brasil, contudo, a entrada da psicanálise na universidade e sua presença forte no sistema público de saúde, viabilizada pelo processo brasileiro de reforma psiquiátrica, desenharam um quadro diferente. Há psicanalistas e profissionais nela inspirados trabalhando em espaços inimagináveis há algum tempo: em UTIs neonatais, nas ruas de grandes metrópoles, em favelas, escolas etc., além, claro, dos dispositivos da atenção psicossocial.

Nesses espaços, e também nos consultórios, como se sabe, os psicanalistas vêm acolhendo e escutando pacientes com uma gama de dificuldades que ultrapassa em muito os limites da clínica psicanalítica clássica. O que fazem então esses psicanalistas, continuam a exercer a psicanálise lidando de modo criativo com as exigências que esses contextos impõem? Ou fazem outra coisa, psicoterapia, muito embora inspirados na teorização e na clínica psicanalítica em que se formaram?

Minha impressão é que há algum tempo as respostas possíveis a estas perguntas revelaram de imediato a filiação teórico-clínica do respondente, tal o poder das lentes que cada escola impunha a seus filiados e a força da lógica adversarial entre elas. Hoje vejo algo diferente, porque praticamente todas as instituições de formação estão de algum modo vinculadas a esse movimento de expansão do campo de atuação dos psicanalistas – e, com isso, às voltas com dificuldades quanto às questões e às demandas que lhes são endereçadas e para as quais não têm respostas canônicas. Isto torna o debate mais permeável ao cruzamento e à interlocução recíproca entre diversas tradições, estimulando a aceitação da pluralidade teórico-clínica como um elemento positivo e investindo na imaginação teórica e prática capaz de fazer a psicanálise avançar.

Dito isso, é claro que a pergunta sobre o que define essencialmente a psicanálise, e a diferencia de outras teorias e experiências clínicas, permite mais de uma resposta. Se tomarmos a clínica das neuroses como modelo que

define a experiência essencial específica da psicanálise, então todas as demais modalidades de escuta e acolhimento – como ocorre nos casos de quadros em que o processo de simbolização, o campo da fala ou a dimensão representacional estão (mesmo que momentaneamente) precários – se situariam num campo contíguo, mas diferente. Nesta perspectiva, a experiência psicanalítica teria um recorte e um escopo muito precisos que a situariam inclusive para além do campo terapêutico do qual emergiu. Seu objetivo final seria o de possibilitar o encontro do sujeito com o caráter ilusório de todo projeto identificatório, de toda narrativa de si, e a aceitação da realidade de jamais sabermos quem realmente somos.

Contudo, analistas de extração mais winnicottiana podem ver não contiguidade, mas continuidade entre um campo e outro. Se o objetivo da psicanálise, como diz, por exemplo, Roussillon, é tornar possível o desenvolvimento da capacidade de integrar subjetivamente as experiências que decorrem da relação com a pulsionalidade e com os objetos, então é possível entre psicanálise e psicoterapia uma diferença mais no pano operacional do que ético – este sim, crucial. Se se opera com a transferência e a resistência, privilegiar no encontro clínico o discursivo ou o sensível, a interpretação ou a construção, a presença ou a ausência etc. será uma decorrência das possibilidades do *setting*, do contexto, do momento da trajetória do paciente, e assim por diante. O que importa é a capacidade de o analista sustentar e operar o dispositivo. Afinal, é este, e não apenas ele, que faz a análise acontecer.

### **Maria Inês Escosteguy Carneiro**

Quando nós, os psicanalistas, formulamos a pergunta “o que é psicanálise”, não deveríamos fechar o assunto com “isto é” ou “isto não é”. Ao contrário, penso ser necessário voltar às origens: um saber que vem da própria prática clínica e a partir desta foi formulado. Portanto, a principal instância psicanalítica, como entendo, é sempre creditar o texto teórico psicanalítico, qualquer que seja a “teoria” que o sustente, à busca de formulações para o achado clínico. Isto, para mim, seria “psicanálise”. Assim Freud a criou. Esse é nosso inquestionável *common ground*. O texto psicanalítico está cada vez mais acessível e enriquecido pelas inúmeras contribuições pós-freudianas. Justamente por ser tão amplamente difundida, seria quase inerente acontecer a confusão entre o que é o saber e o que é a prática clínica e seus objetivos. Em se tratando de público leigo, se justificaria. Com frequência vemos conferencistas brilhantes, que falam sobre psicanálise com verve e elegância, mas não são psicanalistas.

Seria isto “psicanálise”? Acredito que não e lamento que alguns psicanalistas igualem o conhecimento teórico à prática, geralmente com prejuízo para a segunda. As sociedades psicanalíticas, que já foram guardiãs da prática e suas principais divulgadoras como teoria, correm o risco, penso eu, em nome das solicitações ditas contemporâneas, de se afastar da psicanálise e se equivocar quanto aos seus princípios e pré-requisitos. É certo que as sociedades psicanalíticas deveriam manter a psicanálise viva e renovável. Entretanto, a psicanálise não é forte porque se renova; é justamente o contrário que deveria ocorrer, se renova porque sua tradição é forte.

Um academicismo reducionista se aproxima das sociedades. Isto, a princípio, não é bom nem ruim. Um psicanalista deveria ter como compromisso o apreço pelo saber, a atualização pelo estudo e a busca constante pelo aprimoramento clínico.

O aparecimento de práticas, que se distanciam da busca psicanalítica, tenta se justificar em nome do atendimento à clínica contemporânea, de cuja demanda a psicanálise “antiga” não daria conta. Entretanto, dispensam o objetivo da mudança psíquica e do entendimento transferencial. Aparecem informações cada vez mais teorizantes sobre “a clínica do vazio”, “a ausência de desejo”, “a não representação”, “os núcleos autísticos não abordáveis”. Particularmente não vejo novidades nessas denominações e não entendo que se refiram a novos fenômenos mentais. Se o inconsciente e o que comunica das fantasias inconscientes pelas identificações projetivas são a nossa busca e a transferência/contratransferência, nosso veículo de acesso a ele, já temos suficientes teorias para sermos modernos.

O problema parece ser o de que a terapêutica atual está voltada mais para o mundo externo e para uma adaptação a ele. O que me preocupa bastante é que os fracos exercícios vinculares estão atingindo a nossa prática. Compreensão psicanalítica, todavia, não é processo psicanalítico. Um psicanalista que realmente passou por um processo de análise pessoal transformador deveria ter a clareza para oferecer o mesmo aos pacientes como sendo o tratamento diferencial que maiores chances tem de promover as mudanças psíquicas. É realmente difícil, nos tempos atuais, encontrar quem se disponha a se deixar penetrar por esse processo longo e intenso. A contemporaneidade parece cair sobre nós como um fardo inquestionável. Não gostaria de ver nossa prática aprisionada a uma adaptabilidade perigosa. O apelo que nos cerca é para a ação, em detrimento do pensamento através dos afetos. Penso que deveríamos discutir esse apelo à exaustão. O gozo fácil para o qual somos chamados na

contemporaneidade não deveria nos impedir de buscar os prazeres sólidos, mas menos feéricos, da vida mental mais integrada. O grande risco que corremos é o de nos tornarmos iconoclastas, pervertendo os objetivos da psicanálise, que para mim seriam o aperfeiçoamento dos processos de pensamento e a maturidade psíquica, assim como a integração da história pessoal e de cada aspecto da personalidade dos que nos procuram para tratamento. Isto é, em linhas gerais, o que eu chamo de psicanálise. Em qualquer dos campos teóricos em que ela se expresse.

### **Mariano Horenstein**

Desde mi punto de vista, esta distinción, que intrínsecamente no tiene nada de malo y, de hecho, es lo que hiciera Freud al deslindarse de Jung o Adler, se utiliza con fines discriminatorios. No para discriminar en tanto *diferenciar*, sino para discriminar en tanto *segregar*. Esto se redobra cuando, por un lado, la distinción se ampara no en criterios conceptuales sino formales (“es psicoanálisis solo la práctica efectuada en un diván, cuatro veces por semana, etc.”) o de autoridad (“es psicoanálisis solo la práctica llevada a cabo por un psicoanalista autorizado por tal o cual institución”). Si nos corremos de esa discriminación que anatemiiza la disidencia y la diferencia, entendemos mejor cómo la contemporaneidad afecta una práctica como la nuestra, cómo el psicoanálisis de niños o adolescentes o psicóticos pueden haberse ganado un lugar en tanto psicoanálisis, por ejemplo, habiendo sido inicialmente “no psicoanálisis”.

Las fronteras son móviles, sometidas a fuerzas en conflicto, y por eso mudan, se reconfiguran constantemente. Pienso que tenderemos cada vez más a definir como psicoanalítico aquello que verdaderamente implique una modificación en la posición subjetiva en tanto efecto de un trabajo con el inconsciente, más que cualquier criterio formal. Un analista será quien sea capaz de sostener las transferencias que sobre él se desplieguen y ponerlas a trabajar, en abstinencia, para un trabajo sobre sí donde la sexualidad y la muerte seguirán teniendo un lugar preponderante, más que alguien que trabaje muchas o pocas sesiones por semana, más o menos minutos, con o sin diván.

**3) Situações de conflito político-social com intensa mobilização emocional como a que tivemos no recente período pré-eleições repercutem tanto no analisando quanto no analista. Diante de realidades externas massivas, a escuta analítica poderia sofrer interferências que coloquem em risco as fronteiras interno-externo e analista-analisando?**

**Benilton Bezerra Jr.**

De fato, não me recordo de haver experimentado um período de tamanha mobilização emocional externa invadindo a cena analítica como nas semanas que precederam o segundo turno em 2018. Afetos primários – ódio, desespero, angústia. Pouquíssimos pacientes passaram ao largo dessa comoção – o que já diz algo de sua configuração subjetiva. Mas para a maioria – e para mim – as sessões foram se configurando como um desafio: como sustentar a escuta, como manter a interlocução que tornaria possível atravessar esse Cabo das Tormentas com uma avaria talvez, aqui e ali, mas sem naufrágios nos processos de análise.

Os afetos mobilizados por aquele cenário se tornaram o centro de gravidade de muitas sessões. Boa parte delas foi dedicada à tentativa de envolver com palavras esses afetos, tentando criar no diálogo analítico a condição de algum distanciamento reflexivo, um hiato entre a emoção bruta, perplexa, e a retomada da capacidade de se posicionar subjetivamente de forma mais reflexiva, deslizando da reação medular instantânea para a elaboração crítica que exige pensamento, tempo, contraste, dúvida.

Nem sempre foi fácil. No divã e na poltrona havia eleitores dos dois lados. Algumas vezes fui interpelado a respeito de posicionamentos que se tornaram públicos. Sei que muitos colegas discordam, mas penso que psicanalistas são cidadãos e que a ética inscrita na teoria e na prática da psicanálise implicam sua presença política na cena pública.

Experimentei em alguns momentos uma real dificuldade de sustentar uma posição de abstinência, de fazer circular as palavras e interrogar a posição subjetiva da qual elas emergiam, de não ceder à tentação de desfazer o *setting* e subir no palanque, saindo do diálogo para entrar na polêmica. Em outros, parecia estar posto desde o início no palanque, tal a sintonia imaginária entre o que escutava e eu mesmo sentia. Eu me flagrava, num mesmo dia, oscilando entre a abstinência resistente e a identificação involuntária.

Há sempre muitas maneiras de as fronteiras interno-externo e analista-analisando sofrerem risco. Há vezes em que se rompem – quando a dinâmica transferencial é atropelada quer por uma passagem ao ato, quer pela intrusão de um dado do real que desmonta a possibilidade de sua continuidade, ou algo semelhante.

Já houve época em que analistas não se dirigiam a pacientes que cruzavam com ele na entrada do cinema, jamais respondiam a qualquer tipo de pergunta sobre si feitas pelo paciente. Tudo para não colocar em risco essas fronteiras. No mundo de hoje, hiperconectado, da visibilidade total, isto se tornou

risível. Quem chega para uma entrevista já vem com uma imagem do analista, uma ficha e um diagnóstico a seu respeito. Uma consulta ao Google, e ele fica sabendo de você coisas de que nem você se lembra mais. Os desafios de sustentação do *setting* mudam necessariamente conforme vão mudando as estruturas de nossa vida social. No final das contas, como dizia Lacan, o que define o jogo é o desejo do analista.

### **Maria Inês Escosteguy Carneiro**

Certamente poderia, se nos deixássemos impregnar pelas absurdas polarizações pouco reflexivas que observamos nos últimos acontecimentos políticos. Em alguns momentos beiravam o total ridículo. Frequentemente me surgiam imagens como as do Quixote e seus moinhos de vento ou O dragão da maldade contra o santo guerreiro. Nenhuma dessas imagens aparecia como explicação benigna ou satisfatória. Um estado persecutório absolutamente esquizoparanoide, sem elaboração, impulsionava as diferentes partes (só duas!) a um libelo infundável de jorro odioso de ambas as partes. Certamente campo projetivo para as angústias polarizadas entre o “mal vermelho”, de um lado, e o “bem verde”, do outro. Como normalmente acontece nas situações de *splitting* intenso, a onipotência acusatória e defensiva não permite acesso a uma terceira possibilidade.

Não há escolha possível quando há um inimigo a ser combatido! A força enganosa do ódio domina e escraviza. Se não ficássemos atentos às nossas próprias expressões de ódio e nos distanciássemos da contratransferência, correríamos, sim, o risco de atuarmos junto aos nossos pacientes. Naturalmente o “mundo externo”, neste caso, era bem conhecido e permitiria a possibilidade de evitarmos *acting outs*. Nossos cuidados maiores devem estar voltados ao modelo expulsivo do momento em que vivemos, como um todo. O mundo pouco convidativo às reflexões certamente invade nossos consultórios. É inexorável. Então, é quando deveríamos nos lembrar de que a psicanálise refere-se à mente e ao trabalho em direção à verdade psíquica. Esta é nossa verdadeira proteção.

### **Mariano Horenstein**

Una cuestión interesante es cómo pensar una práctica como la nuestra, necesariamente a contramano de otras prácticas sociales, un islote anacrónico y atópico en el que se despliega la vida subjetiva como en ningún otro lado. Esta práctica extraterritorial guarda, sin embargo, una conexión fluida con lo social. Por un lado, porque nuestros pacientes son también sujetos sociales, y

un consultorio analítico -para el analista- es un interesante observatorio, un muestrario como pocos de infinidad de visiones, de profesiones, de posiciones del entramado social. Por otro lado, porque el inconsciente mismo muta, cambia y tiene en su estofa la marca de lo contemporáneo. Tan cierto como que un analista debe ubicarse por fuera del terreno de las opiniones y convenciones sociales, más allá de sus propios prejuicios, es que debe estar empapado de la contemporaneidad, abierto a la mutación social, atento al futuro.

Es decir, el lugar del analista es -como el del inconsciente- paradójico, oximorónico: el analista en tanto practicante ha de estar atento a los movimientos de lo social, y a la vez ha de procurar ser abstinerente en cuanto a los mismos movimientos de lo social, al menos en su posición analítica, independientemente de sus derechos y elecciones como ciudadano. Creo sin embargo que esto tiene una excepción. Y esa excepción es cuando las condiciones mismas de posibilidad de un análisis, de cualquier análisis, se ponen en riesgo.

El análisis exige ciertas condiciones sociales para existir, y es también tarea de los analistas y sus instituciones alertar cuando esas condiciones mínimas corren el riesgo de perderse. Eso que hacemos a diario en nuestros consultorios -velar para que las reglas del dispositivo analítico y de la ética que lo atraviesa se sostengan- quizás valga la pena hacerlo también extramuros.

Piglia descubrió que parte del éxito del psicoanálisis se debía a la oportunidad que le daba -en tanto dispositivo clínico- a sujetos normales y corrientes vivir como héroes trágicos sus propias, banales, peripecias.

Ahora bien, si existe ese espacio trágico y ficcional, es porque se da en el contexto de una polis. Si existe un lugar reservado al analista en la ciudad, que a mi juicio es el del *metoikos* -ese extranjero que vive en la ciudad, sin ser ciudadano ni extranjero del todo- es porque existe esa polis. Si esa polis democrática deja de existir, no solo nuestra vida y libertad y la de nuestros pares se ve amenazada: nuestra práctica se convierte automáticamente en inviable o reservada a un lugar de disidencia subterránea.

El psicoanálisis siempre pareciera estar en otra parte. Recuerda Roudinesco que ha sido sindicado como ciencia burguesa por los estalinistas, ciencia judía por los nazis, ciencia satánica por los fundamentalistas religiosos, ciencia degenerada por la derecha e incluso falsa ciencia por los científicistas... Claramente el psicoanálisis le debe su existencia a la Ilustración y a la democracia, y aunque fuera por eso solo, hay circunstancias en las que no cabe mantenerse callado. Que nos ocupemos de los restos que el capitalismo secreta -se trate de actos fallidos insignificantes o sueños desatendidos, del amor forcluido o de la

subjetividade marginada por la ciencia- no nos libra de prestar atención a las condiciones mínimas de nuestra práctica. Y a defenderlas, en tanto analistas y en tanto ciudadanos.

Cuando triunfan discursos donde no se trata ya de un retorno a Freud sino de un retorno al Medioevo, cuando se deshacen los mínimos lazos que hacen posible una sociedad democrática, cuando las clases medias urbanas -quienes históricamente han nutrido los consultorios analíticos y a las que por lo general pertenecemos los analistas - ven cada vez más reducido su margen de maniobra y sus posibilidades, quizás debemos cuestionar cualquier supuesta neutralidad analítica y hacer oír lo que tenemos por decir.

El psicoanálisis no es otra cosa que una fábrica artesanal de librepensadores. Quien, luego de años de intenso trabajo, se levanta al fin de un diván, lo hace sosteniendo un deseo y un pensamiento menos preocupado por los ideales y las constricciones del entorno. En ese sentido, el territorio del psicoanálisis va a contracorriente de otros espacios sociales, y quizás sea ése su destino y la fuente de su legitimidad. La neutralidad no debería servirnos de coartada para abstenernos de defender esos mismos espacios, cuando una seria amenaza se cierna sobre ellos.

#### **4) Historicamente, as fronteiras hierárquicas costumavam ser rígidas nas instituições psicanalíticas. Percebem-se mudanças. Como você vê esse processo?**

##### **Benilton Bezerra Jr.**

Esse é um processo bem-vindo e necessário. Nenhuma aposta na capacidade de renovação teórica e clínica da psicanálise será bem sucedida se as associações de psicanalistas não participarem de maneira fecunda desse processo.

É preciso reconhecer que boa parte da vitalidade do pensamento psicanalítico nos últimos anos pode ser em grande parte creditado à proliferação de cursos na universidade, principalmente de pós-graduação, que impulsionaram pesquisas de variados recortes e uma interlocução teórica com um grau de experimentação e liberdade difíceis de serem encontrados nas sociedades, ainda em boa parte fechadas em si mesmas, estruturadas de forma rigidamente hierárquica, e com alto grau de endogamia teórica.

Pela própria natureza do ambiente universitário, esses espaços de transmissão teórica tendem a ser mais abertos à interlocução com outras áreas e disciplinas, o que potencializa a interpelação recíproca e a criativi-



dade na elaboração teórica. Apesar da objeção de muitos, o fato é que, na atualidade, muitos jovens analistas encontram no ambiente universitário a ancoragem mais importante de sua iniciação no campo psicanalítico. Há pontos frágeis, porém, no ensino da psicanálise na universidade. O principal deles é certamente a dificuldade de transmissão de um saber organicamente vinculado a uma experiência específica, a clínica, numa instituição em que analistas estão necessariamente de passagem, e cujo objetivo maior é elaboração de um produto acadêmico.

Em tese, as sociedades, entendidas como associações de psicanalistas organizados basicamente em torno da clínica e de seus fundamentos conceituais, deveriam ser espaços privilegiados de transmissão e impulsionamento da criatividade de seus membros, em formação ou com uma trajetória já estabelecida.

Na prática, porém, em muitas delas a rigidez das estruturas hierárquicas e das modalidades de pertencimento institucional, a protocolarização do ensino e a manipulação dos investimentos transferenciais por parte de uma figura centralizadora acabam frequentemente inibindo, ao invés de estimular, esse processo.

Há, porém, casos de instituições formadoras que vêm conseguindo, com reconhecido sucesso, contornar boa parte desses obstáculos, reinventando suas normas, constituindo espaços coletivos de transmissão da psicanálise, com formas de gestão e produção compartilhadas, com estímulo à interlocução interpares. Essas é que portam a promessa de renovação do horizonte da psicanálise.

### **Maria Inês Escosteguy Carneiro**

Vejo com preocupação. Embora as mudanças sejam necessárias, as tentativas de eliminação das tradições psicanalíticas nas sociedades podem se tornar tiros no pé. Walter Benjamin, em 1936/1969, afirmava que a experiência estava caindo em valor e continuava a cair sem encontrar um fundo que a detivesse. Vejo uma tendência a se dispensar o que fizemos, o que construímos, em busca de satisfação para um anseio sem nome, embora não se saiba exatamente o que precisa ser satisfeito.

Hanna Segal, em 2006, afirma com simplicidade que é a tradição que dá os limites e define o objeto de nosso estudo, além de mostrar a natureza da mudança que buscamos com a psicanálise. Diz ainda que, quando modificamos um modelo, deveríamos ser guiados pelas contribuições que, nesses mesmos modelos, encontramos como motivação para mudar. Infelizmente não vejo isso acontecendo em relação ao que vem sendo chamado de “mudanças necessárias”.

Eu desejaria que as mudanças viessem com mais reflexão e cuidado do que tenho visto acontecer. Mudar por mudar é atender a um ímpeto evacuatório de angústia. O que precisamos mudar, isto sim, é o distanciamento do que nos deveria ser intrínseco: pensar através dos afetos. Se não formos capazes de fazê-lo sem preconceitos, seremos submetidos a uma tirania de suposta “modernidade” em detrimento da busca pela verdade em que cada um se expressa. Temo que estejamos em perigo.

### **Mariano Horenstein**

Generacionalmente, no me ha tocado vivir las épocas en las cuales la rigidez del *setting* se expandía hasta convertirse casi en una caracteropatía institucional y nuestras sociedades eran férreamente jerárquicas. Afortunadamente me han tocado analistas, supervisores, maestros que se han mostrado hasta cierto punto *fallados*, habilitándome quizás de ese modo. Pues lo que se juega aquí, de alguna manera, es otra frontera, la generacional. Las jerarquías ordenan y su pérdida -decadencia de la función paterna mediante- provoca cierta zozobra. Una sociedad como la india, donde las castas aún, en plena democracia, ocupan un lugar central, es estable y una de las razones de su estabilidad es que cada quien habita, trabaja y elige pareja en el estrecho margen que su casta le reserva, a la que habrán de pertenecer también los hijos que tenga. En cambio, aquí se trata de una separación móvil, precedera por estructura, aquella que distingue entre “padres” e “hijos” analíticos. Y a ambos lados de esa frontera se libra una lucha, más sorda o más ruidosa, en la que un analista ha de tomar por asalto y conquistar, en algún momento, si aspira a ser algo más que un clon de su maestro o didacta, el lugar que le antecede genealógicamente.

Siempre me disgustó el modo en que los candidatos que se analizan con un mismo analista hablan de sí como “hermanos” o se refieren a sus “padres” o incluso “abuelos” (el analista del analista) analíticos. Pero allí anida una verdad, el trasfondo edípico que se juega en las instituciones. Con el agregado que, en las nuestras, en nuestro oficio, los analistas ejercen hasta muy entrados en años, a una edad en la que un cirujano o un profesor universitario estarían desde hace un par de décadas jubilados. Creo que hay una frontera que no siempre termina de atravesarse allí, una puja que muchas veces no termina de darse, y que da como resultado una infantilización de las generaciones más (aunque no tan) jóvenes y una entronización de los mayores. Un maestro verdadero, al igual que un analista con cada paciente, ha de propiciar -creo yo- que esa frontera

genealógica se traspase efectivamente. Ofrecerse para una disputa que, inevitablemente, más tarde o más temprano perderá.

En esa dirección, por suerte, veo una tendencia creciente en las sociedades analíticas. El recurso a la autoridad cada vez tiene menos peso y prestigio, las voces que se hacen oír cada vez son más numerosas y diversas, se cuestionan cada vez más circunstancias que hemos tomado por naturales siendo históricas, que, siendo convenciones o recursos útiles en determinado momento, se han convertido en artículos de fe. Ese movimiento de apertura inevitable, creo, se debe más a los efectos de los movimientos sociales, de la contemporaneidad, del *Zeitgeist* sobre nuestra disciplina e instituciones -a través de las porosas fronteras de las que hablaba- más que un desarrollo intrínseco del campo institucional psicoanalítico.

### Referências:

- Bauman, Z. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, W. (1969). The storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Lenkov. In B. Walter. *Illuminations* (p. 83-110). New York: Schocken. (Trabalho original publicado em 1936).
- Chasseguet-Smirgel, J. (1987). *Ética y Estética de la Perversión. Las desviaciones de la conducta sexual como reescritura del universo*. Barcelona: Editorial Laia.
- Chul-han, B. (2018) *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas formas de poder*. Belo Horizonte: Ayine.
- Lacan, J. (1979) *O Seminário: Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (obra original publicada em 1968).
- Roussillon, R. (2012) “As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias”. *ALTER: Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 30 (1) 7-32.
- Segal, H. (2006). Reflections on Truth, Tradition, and the Psychoanalytic Tradition of Truth. *American Imago*, 63, 283-292. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Stevenson, R. L. (1886). *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. London: Longmans, Green and Co.

---

Benilton Bezerra Jr.  
 Rua Jardim Botânico, 700/ 323 – Jardim Botânico  
 Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22461-000  
[beniltonjr@gmail.com](mailto:beniltonjr@gmail.com)

Benilton Bezerra Jr, Maria Inês Escosteguy Carneiro e Mariano Horenstein

Maria Inês Neuenschwander Escosteguy Carneiro

Praia de Botafogo, 210/1006 - Botafogo

Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22250-040

minec620@gmail.com

Mariano Horenstein

Nazareth 3176 of 10

Córdoba, Argentina.

mhorenstein@gmail.com